

# O PERCURSO DIACRÔNICO DOS ADJETIVOS ADNOMINAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU: SÉCULOS XVI AO XIX

EL RECORRIDO DIACRÓNICO DE LOS ADJETIVOS ADNOMINALES EN PORTUGUÉS  
EUROPEO: SIGLOS XVI A XIX

THE DIACHRONIC COURSE OF ADNOMINAL ADJECTIVES IN EUROPEAN PORTUGUESE:  
FROM THE 16TH TO THE 19TH CENTURY

**Cristina de Souza Prim\***

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO: Investigamos, neste trabalho, o papel da sintaxe na mudança da ordem preferencial dos adjetivos no português, da posição pré-nominal para a pós-nominal. Os estudos já realizados no português não apontaram nenhum fator em proporção significativa atuando na mudança. Após investigarmos dados do *Corpus* Histórico do Português Europeu, do século XVI ao XIX, vimos que os determinantes tiveram papel fundamental na reorganização dos adjetivos: a mudança ocorreu somente nos DPs definidos e nus, pois os DPs indefinidos já eram preferencialmente pós-nominais pelo menos desde o século XVI. Esses dados desafiam a literatura existente e, por isso, devem ser postos em discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivos. Diacronia. Sintaxe. Determinantes.

RESUMEN: Investigamos el papel de la sintaxis en el cambio del orden preferencial de los adjetivos en portugués de la posición prenominal hacia la posnominal. Otros estudios no mostraron ningún factor sintáctico actuando de modo significativo. Tras la investigación de datos del *Corpus* Histórico del Portugués Europeo, siglos XVI a XIX, vemos que los determinantes tuvieron un papel central en la reorganización de los adjetivos: el cambio de posición de los adjetivos ocurrió solamente con DPs definidos y nulos; los indefinidos ya eran preferencialmente posnominales al menos desde el siglo XVI. Estos datos desafían la literatura existente, y por eso deben ser puestos en discusión.

PALABRAS CLAVE: Adjetivos. Diacronía. Sintaxis. Determinantes.

ABSTRACT: In this paper, we investigate the role of syntax in the change of the unmarked order of adjectives in Portuguese from prenominal position to postnominal position. Other studies did not show any significant syntactic factor acting in this change. After a search in the data in the *Corpus* Histórico do Português Europeu, from the 16<sup>th</sup> to the 19<sup>th</sup> century, we concluded determiners have a key role in the reorganization of adjectives: the change occurred only in bare and definite DPs, since the indefinites were already more common in post-nominal position at least since the 16<sup>th</sup> century. These data challenge the literature, and therefore should be more discussed.

---

\* Professora do curso de Letras-Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [cristinaprim@utfpr.edu.br](mailto:cristinaprim@utfpr.edu.br).

KEYWORDS: Adjectives. Diachrony. Syntax. Determiners.

## I INTRODUÇÃO

O posicionamento de alguns adjetivos nos DPs<sup>1</sup> se apresenta como variável no português atual; tal modo é que um adjetivo como *interessante* pode ocorrer antes ou depois do nome, como em *uma questão interessante* e *uma interessante questão*. Mas claramente há uma preferência: dizemos que o adjetivo pós-nominal ocupa uma posição não marcada. Estes fatos nos fazem pensar se esse posicionamento não passou por uma mudança na ordem preferencial ao longo do tempo. A literatura sobre o tema é escassa e imprecisa, e não deixa claro se a mudança ocorreu, quando ocorreu e a que fatores a mudança e a opção pelo posicionamento pré e pós-nominal está associada. Este trabalho pretende dar alguns passos em busca de entendimento para essas imprecisões citadas. O objetivo deste trabalho, portanto, é entender um pouco mais sobre o posicionamento dos adjetivos nos DPs do ponto de vista diacrônico. São base para este estudo quatro textos de cada um dos séculos compreendidos entre o XVI e o XIX, o que resulta em torno de 17.690 DPs para o *corpus* desta pesquisa. Utilizamos textos anotados sintaticamente do *corpus* histórico do português *Tycho Brahe*, que contém dados do Português Europeu, o que agiliza bastante a pesquisa. No que concerne ao período da história investigado, esta pesquisa abrange os quatro séculos cruciais para numerosas mudanças sintáticas, em especial, em relação à ordem de palavras.

É preciso apontar que todos os textos que constituem o *corpus* de pesquisa são produções em prosa. Há uma tendência nos estudos históricos em se considerar os textos escritos em prosa como um tipo textual mais próximo da língua falada que a poesia, que leva mais em consideração aspectos como métrica e rima que podem interferir na ordem e colocação de palavras. Consideramos, assim, que os dados coletados são representativos do emprego da ordem nos DPs nos séculos pesquisados, pois esse tipo de produção escrita se apresenta como um padrão mais próximo da linguagem usual. Apontamos, ainda, que não excluímos a possibilidade de que o tipo de produção escrita esteja interferindo nos dados diacrônicos.

Antes de nos voltarmos aos dados, apresentemos primeiramente estudos já realizados sobre o tema.

## 2 TRABALHOS DIACRÔNICOS DE CORPUS SOBRE O POSICIONAMENTO DO ADJETIVO NO DP

A literatura sobre o tema é bastante escassa. Por isso, trazemos apenas três trabalhos para compor esta seção, dois sobre a perspectiva diacrônica dos adjetivos no português e um no espanhol. Mencionar os estudos sobre o espanhol é interessante porque até o século XVIII Portugal ainda não havia se libertado da égide espanhola, como aponta Paixão de Sousa (2004). Vejamos primeiramente os estudos sobre o português.

Cohen (1988) faz uma análise quantitativa de 2100 DPs extraídos de textos portugueses escritos entre o século XIV e o século XX. A autora selecionou dois textos representativos de cada século, 150 DPs por texto, contabilizando 300 DPs por século.

**Quadro 1:** Frequência de ocorrência de anteposição e posposição do adjetivo em relação ao nome em termos percentuais.

		XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
1º texto	Anteposição	63%	82%	31%	64%	72%	37%	23%
	Posposição	37%	18%	69%	36%	28%	63%	77%
2º texto	Anteposição	89%	82%	65%	78%	30%	31%	18%
	Posposição	11%	18%	35%	22%	70%	69%	82%

Fonte: Cohen (1988, p. 60).

<sup>1</sup> Adotaremos aqui a nomenclatura utilizada pela gramática gerativa para nos referirmos ao constituinte que tem como núcleo um determinante D e como seu complemento um nome N. A sigla vem do inglês: Determiner Phrase.

Segundo os dados apresentados, no português arcaico e médio, a anteposição do adjetivo era a opção preferencial. Cohen (1988) conclui que houve uma queda brusca na anteposição do adjetivo por volta do século XVIII. Os valores contraditórios das percentagens do primeiro para o segundo texto deste século evidenciam a mudança. Os dados dos séculos XIX e XX corroboram, para Cohen (1988), esta análise. No século XVI também foram encontrados valores contraditórios, mas ainda que a autora não tenha esclarecido sua interpretação acerca dessas ocorrências, podemos supor que por conta dos dados encontrados no século XVII, a autora não considerou a mudança estabelecida no século XVI. Cohen (1988) defende que podemos estar ainda em um processo de eliminação gradual das inconsistências, dadas as duas possibilidades de posicionamento de adjetivos como *interessante*, apontado no início deste trabalho<sup>2</sup>.

Serra (2005), por sua vez, aposta em fatores não sintáticos para a busca do entendimento da ordem dos adjetivos nos DPs do Português; em especial, aposta nos aspectos semântico-discursivos e estilísticos. A autora aponta que são os adjetivos descritivos que se fixam na posposição ao longo dos séculos. Já os adjetivos avaliativos, ainda que em menor escala, mantêm sua possibilidade de antepor-se ao nome, mas como uma opção marcada. Serra conclui ainda que: “[...] levando em conta todos os *corpora*, do século XVII ao XX, a anteposição esteve sempre relacionada: (1) aos adjetivos avaliativos, quer quando o núcleo é imaterial quer quando é material, (2) aos adjetivos de menor *peso fônico* com relação ao substantivo e (3) aos adjetivos de base nominal” (2005, p. 107).

Sobre o espanhol, temos o trabalho de Martínez (2009). A autora pesquisou em nove textos, todos escritos em prosa, e correspondentes à segunda metade dos séculos XIII, XVI, XVII e XIX. De acordo com os dados de Martínez (2009), a partir do século XVII fica evidente no Espanhol a preferência pela posposição do adjetivo em relação ao nome.

**Quadro 2:** Posição do adjetivo (A) em relação ao substantivo (S) nos DPs.

Século	A+S	S+A
XIII	60% (247/412)	40% (165/412)
XVI	69% (826/1192)	31% (366/1192)
XVII	31% (68/220)	69% (152/220)
XIX	37% (387/1052)	63% (666/1053)
XXI	19% (41/212)	81% (171/212)

Fonte: Martínez (2009, p. 1240).

São verificados no trabalho de Martínez (2009) diversos fatores gramaticais que podem interferir na variação: presença ou ausência de determinante, presença ou ausência de modificador adjetival, e também gênero e número do nome. São verificados ainda fatores semânticos – o significado do caracterizador (adjetivos básicos, participios, classificadores) e, em casos especiais, o significado do caracterizado (a classe léxica: humano, não humano, concreto, abstrato) – e fatores pragmáticos (gênero do discurso e tipo de ato de fala). A análise quantitativa e a consideração da frequência de uso diante dessas pautas contextuais levaram a autora à conclusão de que a opção pela ordem no DP não é condicionada por nenhum dos fatores em uma proporção significativa. Buscando maior detalhamento, a autora aponta que a indeterminação do DP e a extensão do adjetivo (maior que o nome) favorecem a posposição deste; já o gênero e o número do substantivo não mostraram em seus testes influência alguma na seleção. Quanto aos fatores semânticos, a autora concluiu que a anteposição é privilegiada com substantivos [+humanos]; e a posposição, com substantivos concretos. Martínez (2009) relaciona isto, respectivamente, à necessidade comunicativa de avaliar ou manifestar objetividade.

Ainda que saibamos que há outros fatores influenciando na ordem dos adjetivos em relação ao nome nos DPs, neste trabalho focaremos apenas em fatores sintáticos que possam ter influenciado a ordem dentro dos DPs ao longo dos séculos XVI a XIX, pois nenhum trabalho sobre o português que conhecemos mostrou a sintaxe atuando de forma significativa no processo de mudança da ordem preferencial dos adjetivos adnominais<sup>3</sup>. Faremos isso a partir do ponto de vista da sintaxe gerativa, em especial discutindo se

<sup>2</sup> Grosso modo, chega às mesmas conclusões de Boff (1991), que defende que o século XVIII também foi decisivo para a mudança progressiva de posicionamento dos adjetivos, mas restringe a classe aos adjetivos avaliativos.

<sup>3</sup> Totaro (2007, p.11) ratifica essa ausência dos estudos sintáticos quando afirma: “No plano diacrônico, diversos estudiosos [Cohen (1988) e González (1989), por exemplo] ressaltam que, a partir da leitura de textos escritos em línguas diferentes e épocas diversas, bem como de gramáticas históricas que tratam descritivamente de momentos pretéritos da evolução de sistemas linguísticos particulares, é possível observar diferenças na ordenação de seus elementos constituintes em relação aos seus respectivos usos contemporâneos. No caso da colocação do adjetivo (A) em relação ao substantivo (N) no sintagma nominal (SN) como indicativo de

houve um processo de competição de gramáticas, com base na proposta de Kroch (1989), que poderia ter gerado mudanças no posicionamento do adjetivo.

O trabalho de Martínez (2009), sobre o espanhol, é o único dentre os mencionados que considera aspectos sintáticos na sua investigação. Sua conclusão é de que a mudança não foi condicionada por nenhum dos fatores mencionados, ao menos no espanhol. Mas vamos repensar um desses fatores. Vemos que no caso dos determinantes, por exemplo, a autora considerou apenas a presença ou a ausência do determinante na sua busca. Faremos as buscas não considerando apenas a presença ou ausência do determinante, mas o tipo de determinando – se definido, indefinido ou nu. Partimos da hipótese de que os determinantes têm sim papel na mudança do posicionamento do adjetivo. Vejamos a seguir as razões nas quais nos baseamos para a criação dessa hipótese.

### 3 OS DETERMINANTES E OS ADJETIVOS

As limitações de ocorrência de alguns adjetivos com certos tipos de determinante também são tratadas *en passant* pela literatura sincrônica e são nulas do ponto de vista diacrônico. Mas temos boas razões para investir no estudo dessa relação determinante-adjetivo.

Iniciemos pelas restrições sintáticas e/ou semânticas na combinação determinante e adjetivo pré-nominal. Além de haver alguns adjetivos pré-nominais (mas não pós-nominais) que não se combinam com qualquer tipo de determinante, há casos em que o mesmo nome e adjetivo encabeçados por determinantes diferentes têm comportamentos diferentes.

- (1) O/um primeiro/mesmo/único motivo de sua desistência
- (2) Maria perguntou isso \*a um/ ao mais velho estudante da turma.
- (3) O/\*um presente/principal senador

De uma forma mais intuitiva, podemos dizer que a frequência de determinantes definidos neste caso é, em parte, previsível dada a semântica dos adjetivos envolvidos, que envolvem pressuposto do falante de que o ouvinte possa reconhecer que só há um referente possível. Contudo, mesmo quando a combinação determinante e adjetivo pré-nominal é semanticamente possível, o adjetivo não mantém sempre as mesmas leituras diante de determinantes diferentes e nomes iguais.

- (4) a. O simples desentendimento (leitura não restritiva)
- b. Um simples desentendimento (leitura restritiva ou não restritiva)

Em (4a), o adjetivo *simples* só pode ser interpretado com leitura não restritiva, ou seja, o DP formado por determinante mais nome (*o desentendimento*) e o formado por determinante, adjetivo e nome (*o simples desentendimento*) denotam exatamente o mesmo. Já em (4b), além dessa leitura, o adjetivo pode estar restringindo ainda mais a entidade formada por determinante mais nome, e assim *um simples desentendimento* estaria num subgrupo de *desentendimentos*.

Se levarmos em consideração que um DP definido é essencialmente anafórico, não nos surpreenderemos com o fato de que um adjetivo pré-nominal antecedido por artigo definido seja em geral interpretado não restritivamente, visto que a referência a um único indivíduo já está estabelecida pelo determinante, e não deve haver alternativas salientes. O mesmo não ocorre com um determinante indefinido, que não possui leitura anafórica e pode ser usado na introdução de um tema no discurso, ou quando há irrelevância de se apresentar o referente, ou mesmo quando há escolha livre do referente. Isso faz com que a leitura restritiva, assim como a não restritiva, seja possível em DPs indefinidos. O exemplo (5) abaixo mostra que a leitura não restritiva ou restritiva também depende de pressuposição no discurso familiar: podemos ter leitura não restritiva em (5a) se houver familiaridade discursiva com o estereótipo dos contestatários como perigosos. Já (5b) tem leitura apenas restritiva.

---

particularidades internas ao grupo românico, por exemplo, essas mudanças posicionais seriam motivadas por fatores de natureza semântica (Cohen, *op. cit.*, para o português; González, *op. cit.*, para o espanhol) ou fonológico-morfológicas, como a perda de parte das flexões latinas devido a fatores fonológicos, e que teria, por sua vez, resultado numa fixação da ordem dos constituintes nas línguas românicas [...].”

- (5) a. Eduardo é considerado pela mídia um perigoso contestatário.  
b. Eduardo é considerado pela mídia um brilhante contestatário.
- (6) a. O perigoso contestatário se chama Eduardo.  
b. O brilhante contestatário se chama Eduardo.

Isso porque no discurso familiar não há a informação compartilhada de que os contestatários são sempre pessoas brilhantes. O mesmo não ocorre com o determinante definido, como mostra (6). Com o artigo definido, não há leitura restritiva do adjetivo pré-nominal; a referência a um único indivíduo já está estabelecida pela determinante, então não é possível que o adjetivo restrinja ainda mais o referente.

É imprescindível dizer que não há nenhum trabalho que se propôs a estudar diacronicamente os determinantes do português. Por um lado, essa falta de literatura na área limita nossa análise dos dados, mas, por outro, mostra como ainda temos vários aspectos para pesquisar na história do português.

Vemos que ao menos os adjetivos pré-nominais possuem essa relação com os determinantes, que poderia ter sido ainda mais forte nos séculos passados. Também é possível que as propriedades do determinante tenham se modificado ao longo do tempo. Mas, para uma investigação semântica, seria preciso avaliar cada um dos 17.690 DPs, o que está fora do escopo deste trabalho.

A pesquisa foi realizada utilizando o *Corpus Histórico TychoBrahe*, como dissemos, que contém dados dos séculos XVI ao XIX. A seguir o apresentamos.

#### 4 CORPUS TYCHOBRAHE

O *corpus* histórico do Português, do Projeto *TychoBrahe*, é composto por textos em prosa, escritos em português por falantes nativos do português europeu, nascidos entre 1500 e 1850. A possibilidade de trabalhar com um *corpus* como o *TychoBrahe* agiliza e facilita a pesquisa. As buscas são feitas por meio de ferramentas automáticas disponíveis; por exemplo, a etiquetagem morfológica e sintática – esta última utilizada nesta pesquisa. Utilizou-se dos seguintes textos anotados sintaticamente:

**Quadro 3:** Textos anotados sintaticamente presentes no *Corpus Tycho Brahe* e utilizados neste trabalho.

AUTOR	MENÇÃO	TÍTULO
Século XVI		
(1502-1579) Pero Magalhães De Gandavo	g_008	História da Província de Santa Cruz
(1510-1583) Fernao Mendes Pinto	p_001	Perigração
(1542-1606) Diogo Do Couto	c_007	Décadas
(1556-1632) Luis De Sousa	s_001	A vida de Frei Bertolameu dos Mártires
Século XVII		
(1597-1665) Manuel De Galhegos	g_001	Gazeta
(1608-1697) Antonio Vieira	v_004	Sermões
(1658-1753) Maria Do Ceu	c_002	Vida e Morte de Madre Helena da Cruz
(1675-1754) Andre De Barros	b_001	Vida do apostólico padre Antonio Vieira

## Século XVIII

(1702-1783) Cavaleiro De Oliveira	c_001	Cartas, Cavaleiro de Oliveira
(1705-1763) Matias Aires	a_001	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens
(1750-1839) Marquesa D'alorna	a_004	Cartas, Marquesa de Alorna
(1757-1832) Jose Daniel Rodrigues Da Costa	c_005	Entremezes de Cordel

## Século XIX

(1799 - 1854) J.B.S.L. Almeida Garrett	g_004	Theatro: Falar verdade a mentir; As Prophcias do Bandarra e Camões do Rocio.
(1802-1881) Marques De F. E Alorna	a_003	Memórias do Marquês da Fronteira e Alorna
(1825-1890) Camilo Castelo Branco	b_005	Maria Moisés
(1836-1915) Ramalho Ortigao	o_001	Cartas a Emília, Ramalho Ortigão

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir apresentaremos os dados e os resultados da pesquisa realizada com a ferramenta *Corpus Search* (essa ferramenta também pode ser utilizada online pelo sítio eletrônico do Projeto *Thyco Brahe*), sem considerar quaisquer fatores gramaticais além do posicionamento do adjetivo em relação ao nome.

Na figura 1 foram sistematizados os resultados da busca e estabelecida a comparação entre o posicionamento do adjetivo anteposto ou posposto ao nome em cada um dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho. Os valores referem-se à porcentagem de DPs com adjetivos pré-nominais em todos os arquivos, desconsiderando apenas os participípios que, pelo menos desde o século XVI, já preferem a posição posposta<sup>4</sup> ao nome.

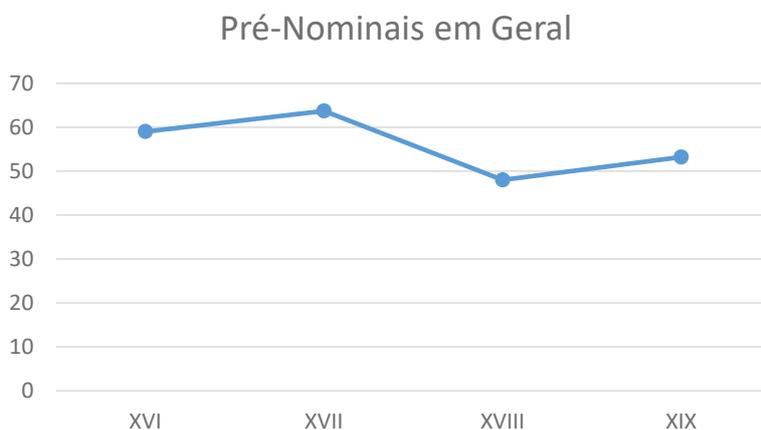


Figura 1: Resultado da busca geral por adjetivos adjuntos ao nome nos textos anotados sintaticamente do Corpus TychoBrahe.

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao observarmos a figura acima, percebemos que, nos séculos XVI e XVII, a ordem preferencial era com o adjetivo anteposto, ocorrendo até mesmo um aumento na porcentagem de pré-nominais no século XVII. No século XVIII, ocorre uma queda na porcentagem de pré-nominais, que praticamente iguala-se aos valores encontrados na posição pós-nominal, ou seja, há igual chance de o adjetivo ocorrer pré ou pós-nominalmente. No século XIX, ainda se observam valores equilibrados nas duas posições; ambos em torno de 50%. Assim, por essa figura, podemos até mesmo nos questionarmos se a mudança de posicionamento preferencial realmente ocorreu ou não nesse período investigado. O que sabemos é que, já no século XX, a ordem preferencial já era a do adjetivo

<sup>4</sup> Não citaremos neste trabalho as porcentagens de adjetivos pós-nominais, porque estas estão implícitas na porcentagem dos pré-nominais. Por exemplo, se no século XVI havia 59% de anteposição do adjetivo, havia 41% de posposição do adjetivo neste mesmo momento.

posposto, e se entendermos que essa mudança certamente ocorreu gradualmente, precisamos enxergar os indícios dessa mudança nos séculos anteriores.

Exploreemos mais as possibilidades oferecidas pelo *Corpus Search*. Buscaremos observar a seguir os tipos diferentes de determinantes que encabeçam os DPs em questão.

#### 4.1 DETERMINANTES E NOMES COM ADJETIVOS ADNOMINAIS

Foram considerados na pesquisa DPs definidos – o que inclui artigos definidos, pronomes possessivos, demonstrativos e DPs encabeçados por “cujo”; DPs indefinidos, com artigos indefinidos; e DPs nus, que não possuem nenhum desses modificadores antepostos. Expomos a seguir alguns exemplos desses dados e o resultado da busca realizada.

##### DPS DEFINIDOS

(7) Os capitães ambos vendo quão cego e desatinado estava este mal-aventurado no conhecimento da **santa e católica verdade** de que lhe tratavam, havendo ainda tão pouco tempo que fora cristão, como tinha confessado, [...] (P\_001,19.56)

(8) REINANDO **aquele muito católico e sereníssimo Príncipe el-Rei Dom MANUEL**, fez--se uma frota para a Índia de que ia por capitão mór Pedro Álvares Cabral: que foi **a segunda navegação que** fizeram os Portugueses para aquelas partes do Oriente. [...] (G\_008,6.1)<sup>5</sup>

(9) [...] mas como **meu intento principal**, não foi **na presente história** senão ser breve, e fugir de coisas em que pudesse ser notado de prolixo **dos poucos curiosos** (como já tenho dito) quis somente particularizar estas mais notáveis, [...]. (G\_008,26.474)

(10) E confiada **na antiga amizade** que tenho convosco, e **na grande obrigação** que me tem esta fortaleza por tantos respeitos quantos vós senhor muito bem sabeis, me vim agora a ela a pedir-vos com lágrimas, que em nome **do sereníssimo rei de Portugal** meu senhor, **cujo súdito e leal vassalo** sempre foi meu marido, me quisésseis valer, e socorrer-me em meu desamparo, [...] (P\_001,84.599).

##### DPS INDEFINIDOS

(11) [...] não havia mais que só quatro anos que se tornara mouro por amor de **uma grega moura** com que era casado. (P\_001,19.54)

(12) Pois é melhor enganar o público, anunciando-lhe **uma peça boa** e achando-se com uma ridícula, cheia de puerilidades e inépcias? (C\_005\_PSD,35.29)

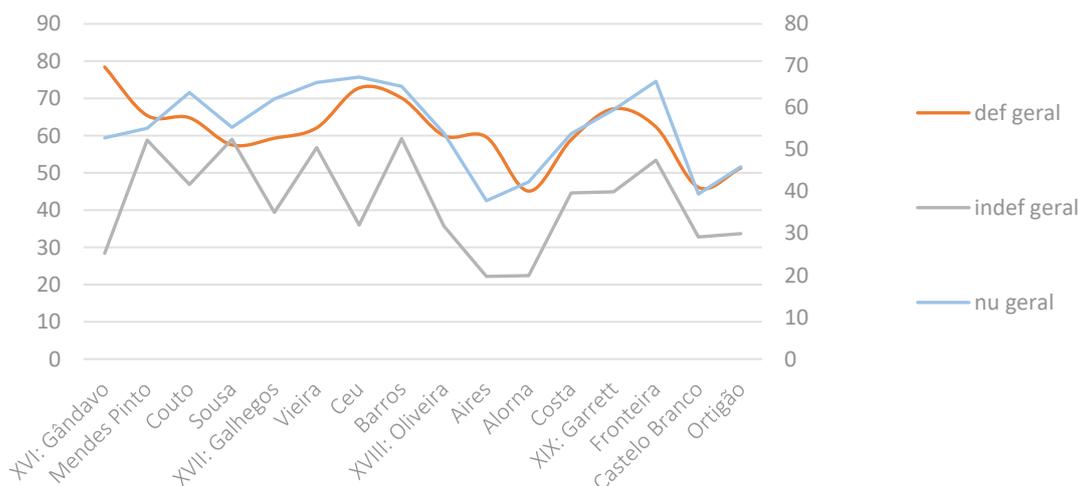
##### DPS NUS

(13) São **ocultos conselhos, abismo imenso** de Sua incompreensível providência. (S\_001\_PSD,9.11)

(14) **Bendita morte** que aos mortos passava em um momento a **gozos eternos**, laureados de **glorioso sangue**, e nos vivos acendia enveja e dobrava o ânimo! (S\_001\_PSD,12.46)

Os resultados das buscas com os determinantes apontam um comportamento distinto para os DPs indefinidos, como vemos abaixo:

<sup>5</sup> O código se refere à menção de autor e texto posta no Quatro 3.



**Figura 2:** Resultados gerais de adjetivos pré-nominais antecedidos por artigo definido, indefinido ou nu. Resultados de cada um dos textos anotados sintaticamente no *Corpus TychoBrahe*.

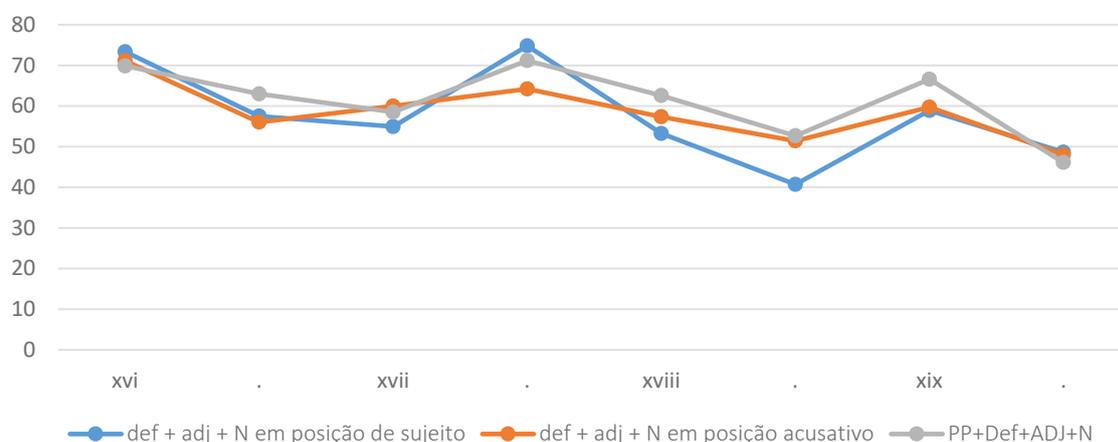
**Fonte:** Elaborada pela autora.

Se olharmos para a figura 2, vemos que os indefinidos estavam em maior variação quando comparados aos definidos e nus até o último texto do século XVII (texto de Barros). Nota-se que até então os DPs indefinidos se comportavam ora como os outros determinantes para alguns autores, ora apresentavam uma ocorrência bem mais baixa de adjetivos pré-nominais. Somente a partir do final do século XVII e início do XVIII, os indefinidos passam a seguir as mesmas tendências dos demais determinantes, ainda que tenham continuado menos frequentes com adjetivos pré-nominais. A Figura 2 também mostra que os determinantes definidos eram os mais frequentes com adjetivos pré-nominais, mas os resultados com os determinantes nus são bastante próximos em termos percentuais.

Ainda considerando os tipos diferentes de determinantes, vamos cruzar esse fator com a posição sintática ocupada pelo DP na sentença, se em posição de sujeito, de objeto direto/acusativo ou se após uma preposição.

#### 4.1.1 Posição Sintática do DP

Investigamos se havia, no recorte temporal mencionado, diferença de comportamento quando os DPs ocupavam diferentes posições sintáticas. Conforme mencionado, consideramos as posições de sujeito (SBJ), de objeto direto/acusativo (ACC) e a posição seguinte a uma preposição (PP). Sistematizamos os dados apresentando os resultados da busca a cada meio século:



**Figura 3:** DPs definidos em posição de sujeito, objeto acusativo e logo após a preposição.

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Os dados da Figura 3 mostram que, com DPs definidos, havia sempre um comportamento homogêneo, independentemente deste DP estar em posição de sujeito, de objeto/acusativo ou dentro de um PP, ou seja, a posição sintática do DP não influenciava no posicionamento do adjetivo adnominal.

Veamos agora com DPs nus:

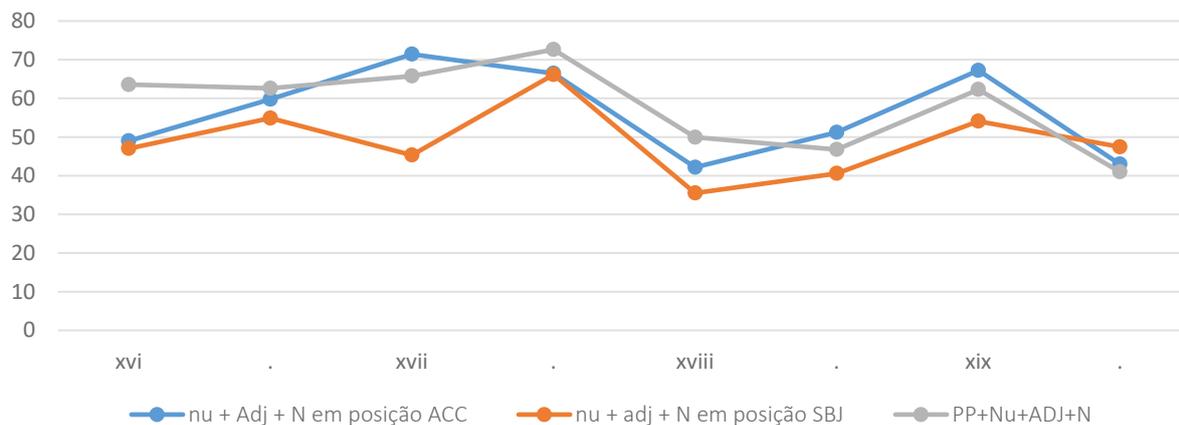


Figura 4: DPs nus em posição de sujeito, objeto acusativo e logo após a preposição.

Fonte: Elaborada pela autora.

Com os DPs nus, também há um comportamento homogêneo dos DPs em todas as posições sintáticas mencionadas, exceto no início do século XVI, quando os PPs com DPs nus se comportavam como os PPs com DPs definidos (observar que a porcentagem de uso é semelhante ao dos definidos, apresentados na Figura 3), e não como os DPs nus em posição de sujeito ou objeto/acusativo; e há também uma diferença na posição de sujeito na primeira metade do século XVII, pois os DPs nus se comportavam como os DPs definido e indefinido em posição de sujeito na mesma época (porque, novamente, as porcentagens de uso são bastante semelhantes).

Veamos, por fim, o comportamento dos DPs indefinidos:

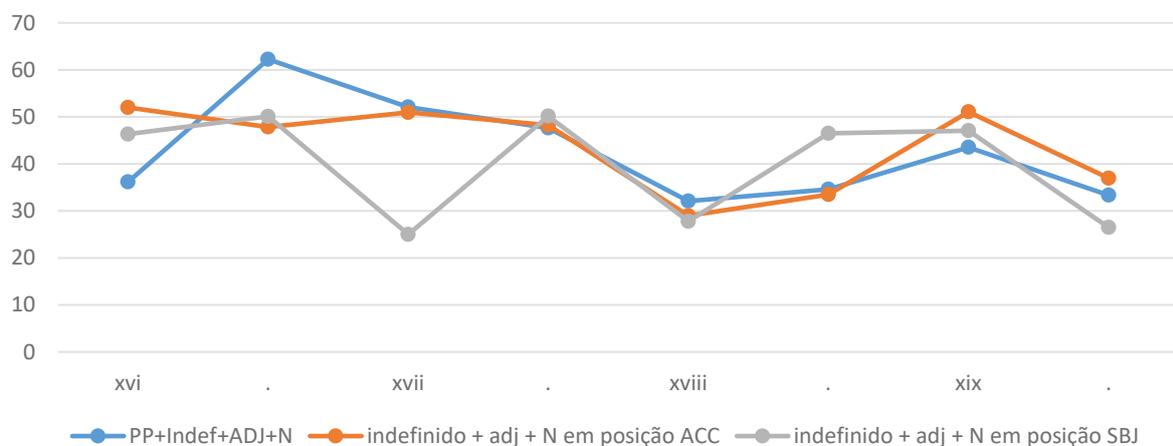


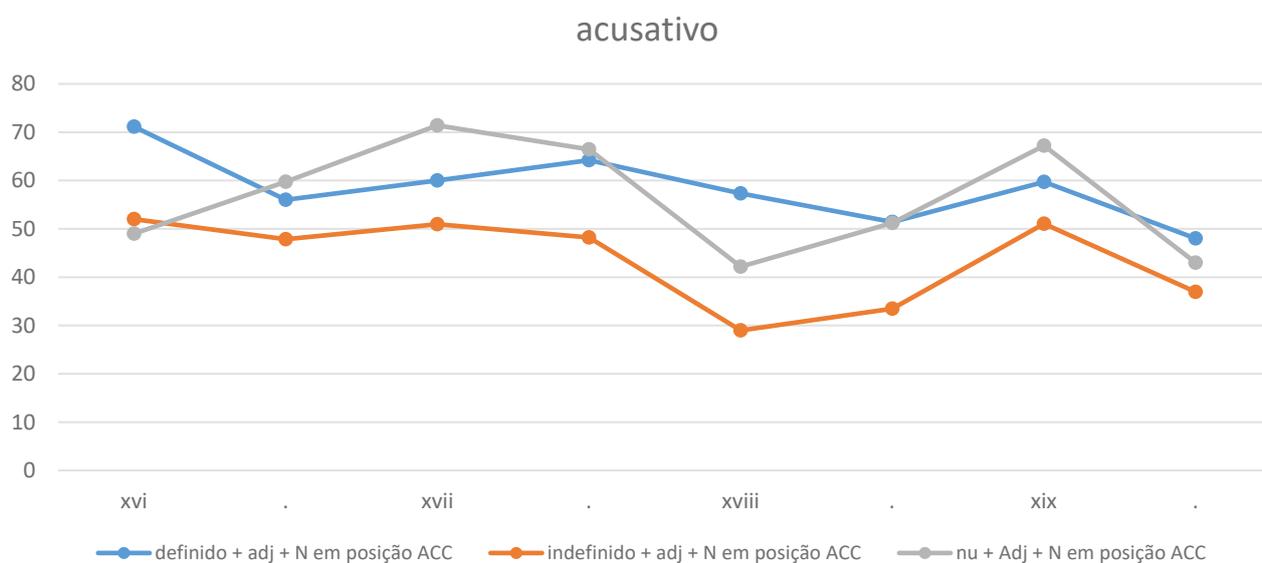
Figura 5: DPs indefinidos em posição de sujeito, objeto acusativo e logo após a preposição.

Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre os DPs indefinidos, ora os adjetivos se comportam de acordo com a posição sintática, ora de acordo com o tipo de determinante que encabeça o DP, e isso ocorre nos séculos XVI a XVIII. Há, então, duas análises em concorrência.

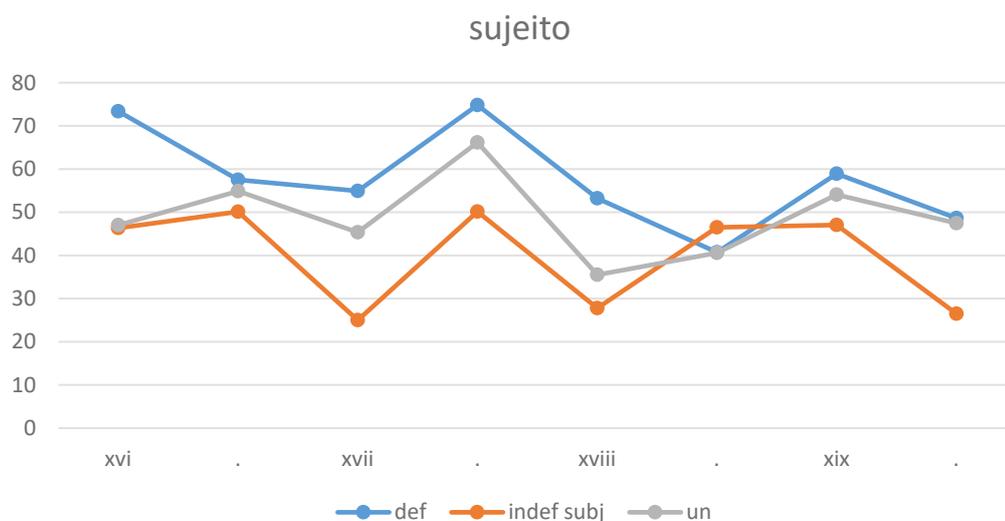
A queda nas anteposições de adjetivos em DPs indefinidos e nus em posição de sujeito no início do século XVII é surpreendente, pois, como foi apontado, nesse século temos os índices mais elevados de anteposição quando observamos os resultados gerais (rever Figura 1); essa queda que também ocorreu com DPs definidos em posição de sujeito, mas em uma proporção menor.

Visto que a posição sintática do DP também tem se mostrado relevante, vamos reorganizar os dados das Figuras 3, 4 e 5 por posição sintática, e não por determinante.



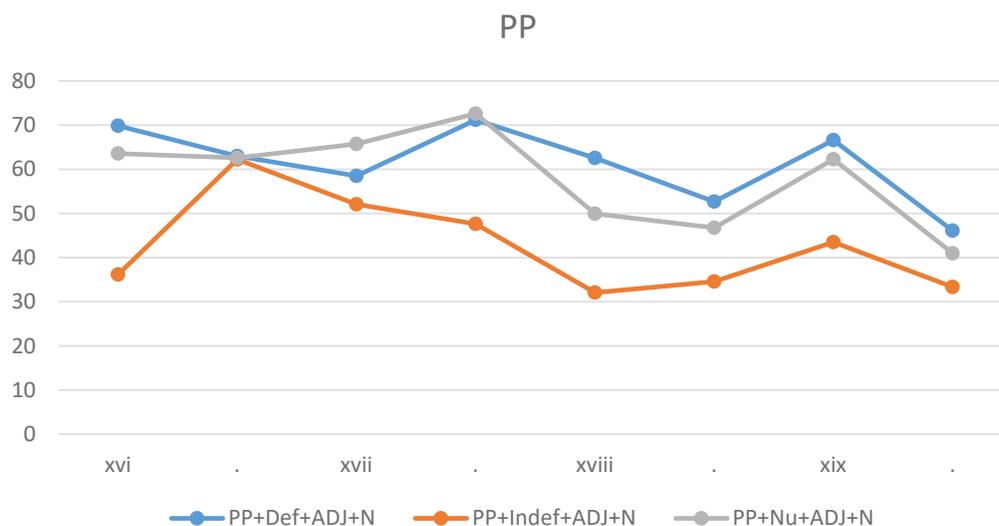
**Figura 6:** Resultado dos adjetivos pré-nominais em DPs definidos, indefinidos e nus quando ocupam a posição de objeto direto/acusativo na sentença.

**Fonte:** Elaborada pela autora.



**Figura 7:** Resultado dos adjetivos pré-nominais em DPs definidos, indefinidos e nus quando ocupam a posição de sujeito na sentença.

**Fonte:** Elaborada pela autora.



**Figura 8:** Resultado dos adjetivos pré-nominais em DPs definidos, indefinidos e nus quando ocupam a posição seguinte a uma preposição (dativo/genitivo) na sentença.

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas Figuras 6, 7 e 8, há uma convergência bem clara nos dados da segunda metade do século XVI, o que mostra que o determinante não estava influenciando o posicionamento do adjetivo adnominal nesse momento. Temos então razões para defender que era a posição sintática do DP na oração que estava relacionada ao posicionamento do adjetivo dentro do DP. A Figura 5 confirma essa análise, pois mostra que, na segunda metade do século XVI, os adjetivos em DPs ocupando posição de sujeito se comportam diferentemente de adjetivos em DPs ocupando posição de objeto/acusativo ou em PP.

Já na segunda metade do século XVII, temos razões para crer que é o determinante que ordena a distribuição dos adjetivos, e não mais a posição sintática, pois na Figura 8, por exemplo, consideramos uma mesma posição sintática (PP) e vemos um comportamento diferente para o adjetivo de acordo com o tipo de determinante que encabeça o DP. As Figuras 3, 4 e 5 também corroboram essa análise, pois mostram que na segunda metade do século XVII o posicionamento do adjetivo era independente da posição sintática.

Havia, então, duas formas de conceber a distribuição dos adjetivos que estavam em competição – e que possivelmente seguem em competição, ainda que em menor grau de instabilidade.

Vamos analisar em seguida dados de coordenação de adjetivos, para ver se os dados se apresentam consistentes e corroboram a hipótese de que o determinante atua no posicionamento do adjetivo ou se não é possível chegarmos a uma generalização sem considerar a posição sintática do DP na estrutura.

#### 4.1.2 Coordenação de adjetivos/ dois ou mais adjetivos juntos

Foi considerada ainda para a análise a coordenação de dois ou mais adjetivos tanto na posição anteposta quanto na posição posposta ao nome, pois é de nosso interesse observar se o peso da coordenação interferiria nos resultados apontados acima para DPs definidos, indefinidos e nus. Seguem abaixo exemplos de adjetivos coordenados:

(15) Mandou lhe entregar **instruções públicas, e particulares**; (B\_001\_PSD,42.385)

(16) O prólogo, com que com **sutil, e disfarçada política**, entrou na negociação, já fazendo se neutral, já por ambas as partes interessado, o Padre VIEIRA, foi lamentar se, como de Religioso para Religioso, **do muito sangue Espanhol, e Católico**, que se estava derramando nas nossas fronteiras, triunfando, e crescendo em poder com uma tal diversão os Hereges. (B\_001\_PSD,44.402)

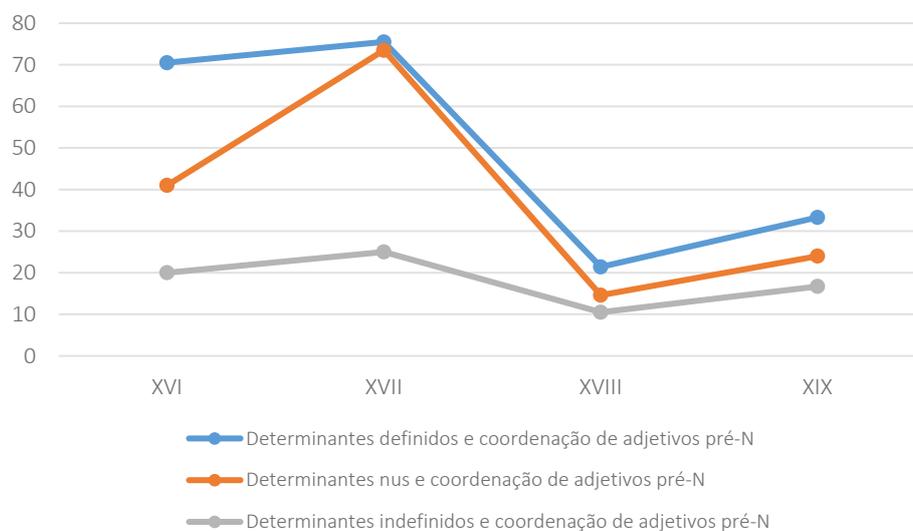
(17) E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo **desse largo e espantoso mar** se escondem, de não menos estranheza e admiração (G\_008,32.568)

(18) Os capitães ambos vendo quão cego e desatinado estava este mal-aventurado no conhecimento **da santa e católica verdade** de que lhe tratavam, havendo ainda tão pouco tempo que fora cristão, como tinha confessado, crescendo-lhe a cólera, com um zêlo santo da honra de Deus o mandaram atar de pés e de mãos, (P\_001,19.56)

(19) [...] o qual veio em pessoa acompanhado de muitos ministros de justiça com **um grande e temeroso fausto**, e lhes mandou tirar os grilhões e as algemas com que ambos estavam presos, (P\_001,25.117)

No caso da posição pós-nominal, foram consideradas apenas coordenações em que o adjetivo não estava acompanhado de complementos, visto que estes atribuem peso ao sintagma adjetival. Em tempo: lembramos que na posição pré-nominal a complementação não é possível.

Vamos agora separar estes dados de acordo com o tipo de determinante que acompanham os adjetivos. É fácil perceber que com os indefinidos a posição posposta para o adjetivo é preferencial em todos os textos do nosso *corpus*, o que mostra que a informação contida no DP é mais decisiva para o posicionamento dos adjetivos do que o peso fônico<sup>6</sup>, pois com determinantes definidos e nus mais a coordenação, os resultados apontam para uma larga preferência pela anteposição do adjetivo nos séculos XVI e XVII, como mostra a figura 9 abaixo. Os DPs encabeçados por um indefinido e contendo coordenação de adjetivos são preferenciais na posição posposta ao nome pelo menos desde o século XVI, mas com determinantes definidos e nus (o século XVI é um tanto confuso para os pós-N com determinante nu) a preferência pela posposição só ocorre no início do século XVIII.



**Figura 9:** Resultados da busca quando considerados os tipos diferentes de determinante e a coordenação de adjetivos no campo pré-nominal.

**Fonte:** Elaborada pela autora.

No século XVI, por exemplo, cerca de 80% das coordenações de adjetivos em DPs indefinidos ocorria no campo pós-nominal e somente 20% ocorria no pré-nominal. Já no caso dos definidos, 70% das coordenações de adjetivos ocorria no campo pré-nominal e apenas 30% no pós-nominal. Os dados em DPs nus no século XVI não são tão claros, e podem estar sinalizando que haveria ali uma necessidade de se considerar de fato a posição sintática desses DPs na estrutura para enxergarmos uma consistência.

Nos séculos XVI e XVII, DPs encabeçados por determinantes definidos ou nus favoreciam a anteposição mesmo quando ocorria coordenação de adjetivos. A posposição de adjetivos coordenados passa a ser preferencial com definidos e nus a partir do início do século XVIII, enquanto com determinantes indefinidos já temos essa preferência clara pelo menos desde o século XVI.

<sup>6</sup> Como mostramos no início deste trabalho, Serra (2005) defende que o peso fônico do adjetivo maior que o do nome favorece o posposicionamento deste. Nossos dados mostram que essa assertiva se aplica somente aos indefinidos.

## 5 ANALISANDO OS DADOS

Os dados apresentados na Figura 9 deixam claro que os determinantes atuam fortemente no posicionamento do adjetivo, pois em DPs indefinidos, a posposição de adjetivos coordenados é preferencial em todos os séculos estudados, diferentemente do que ocorre em DPs definidos e nus, o que confirma nossa hipótese. Mas, aparentemente, este não é o único fator sintático que deve ser considerado, pois o posicionamento sintático desses DPs nas estruturas também mostrou ser um fator relevante. Sobre isso, ainda é preciso mais estudos para entendermos como essa competição de gramáticas observada se desenvolveu no século XX.

Kroch (1989) postula que os falantes sempre convivem com casos de diglossia e que as diferenças de ocorrência de determinadas formas podem revelar um quadro de competição de gramáticas que ocorre durante um determinado período de tempo. Nesse sentido, até por questões de economia, um dos sistemas se sobressai. O excerto a seguir aponta um panorama de competição de gramáticas defendido por Kroch (1989, p.200)

We will see that the set of contexts that change together is not defined by the sharing of a surface property, like the appearance of a particular word or morpheme, but rather by a shared syntactic structure, whose existence can only be the product of an abstract grammatical analysis on the part of speakers. Indeed [...] the competition reflected in the changes under study occurs between entire grammatical subsystems.

Uma curiosidade que surge diante dos dados expostos é sobre o aumento de anteposição dos adjetivos em DPs definidos e nus no início do século XVII (rever, por exemplo, Figuras 1 e 2). A escrita dos anos 1600 é compreendida por um ciclo histórico completamente diferente do ciclo que compreende a escrita dos anos 1700. O gosto do Barroco pelo hiperbólico transpareceu no posicionamento dos adjetivos nos DPs definidos e nus no século XVII, mas não nos DPs indefinidos, o que é indicio de que esse contexto de uso é tão forte que mesmo as tendências barrocas não o atingiram. E sobre a posição sintática dos DPs, em alguns casos o adjetivo estava em um contexto tão forte que mesmo no século XVII não se observa a anteposição do adjetivo. Esse contexto a que nos referimos é de DPs em posição de sujeito na primeira metade do século XVII (rever, em especial, Figuras 4 e 5).

Se olharmos para os dados da primeira metade do século XVII (rever Figura 5), enquanto DPs indefinidos na posição de sujeito com adjetivos pré-nominais ocorriam apenas 25% das vezes, os DPs indefinidos acusativos ocorriam com adjetivos pré-nominais em 50% das vezes. Vemos então diferentes momentos para uma mudança gradual, e não pontual<sup>7</sup>.

Como dissemos, com os indefinidos a posposição do adjetivo já era preferencial pelo menos desde o século XVI. Já com os definidos e nus, vemos que a partir do século XVIII os adjetivos coordenados deixam de ocupar preferencialmente a posição anteposta ao nome, mas esse resultado não influencia de imediato outras situações sem coordenação, como mostraram os resultados gerais da busca – os definidos e nus permanecem com mais de 50% de anteposição do adjetivo até o final do século XIX, ao menos.

Não devíamos mesmo esperar que a mudança fosse brusca, mas gradual. O fato é que o processo de mudança nas línguas não é necessariamente um processo drástico. Floripi (2008) parafraseia Kroch (1994) ao dizer que a coocorrência de duas formas pode permanecer na comunidade linguística; não é necessário que uma das formas saia vencedora e a outra desapareça. “Nesses casos, a permanência de duas formas só é possível quando uma delas passa a se especificar, alterando-se de certa maneira, o que também implica em uma mudança para a gramática da língua.” (FLORUPI, 2008, p.30).

Conforme defendido, aparentemente havia duas possibilidades de se analisar o posicionamento dos adjetivos, considerando aspectos sintáticos. Uma forma seria pelo determinante que encabeça o DP, e outra forma seria pelo posicionamento sintático do DP. Os DPs definidos se organizavam nas posições de sujeito, acusativo e seguindo preposição (dativo/genitivo) exatamente da mesma forma. Já os indefinidos se diferenciavam em todos os contextos citados. Os nus, por sua vez, diferenciavam apenas a posição do sujeito das demais posições.

<sup>7</sup> O corpus mostrou que os adjetivos participios já preferiam a posposição pelo menos desde o século XVI, mas os superlativos passaram a preferir a posposição apenas no século XIX. Esses resultados não foram apresentados neste trabalho pelo baixo número de dados encontrados sem coordenação ou modificação por advérbio, que poderiam estar influenciando no posicionamento do adjetivo.

Na segunda metade do século XVI, os dados de DPs indefinidos antecidos por preposição têm a mesma porcentagem dos dados de DPs definidos e nus nesse mesmo contexto, cerca de 60%. Na primeira metade do século XVII, os indefinidos em posição de sujeito sofrem uma queda de anteposição do adjetivo assim como ocorreu com os DPs definidos e nus nessa mesma posição de sujeito. Na segunda metade do século XVIII, os indefinidos em posição de sujeito elevam suas porcentagens a valores mais altos que os de definidos e nus em posição de sujeito. Tudo isso pode ser relacionado à possibilidade de posicionar o adjetivo de acordo com o posicionamento sintático do DP na estrutura.

Na comparação da Figura 9 com as Figuras 3, 4 e 5, vemos que quando há coordenação de adjetivos na posição pré-nominal, o percentual de anteposição do adjetivo é, em média, 30% menor do que se estivéssemos analisando a posição sintática do DP na estrutura, como a posição de acusativo ou dativo (no caso do PP). Ou seja, no caso dos DPs indefinidos, havia larga preferência pela posposição do adjetivo quando este estava coordenado, e possivelmente também quando modificado ou continha um complemento. Vemos então que o peso do AP era determinante da posição que o adjetivo ocuparia apenas nos DPs indefinidos, mas não nos definidos e nus (como mostraram os dados de coordenação na Figura 9), ao menos até o século XVII.

Um dado bastante consistente que apresentamos é o da coordenação de adjetivos, pois ele deixou claro que o fator tipo de determinante que encabeça o DP é bastante forte para diferenciar o posicionamento de adjetivos inseridos em DPs definidos e DPs indefinidos ao menos desde o século XVI. Mas ainda olhando para a Figura 9 e a comparando com as Figuras 3 a 8, podemos ver que a partir do século XVIII, não há como dizer que ora temos uma análise ora outra, e sim que ambas passaram a seguir juntas.

Como dissemos, não há estudos que relacionam o posicionamento do adjetivo dentro do DP com o posicionamento do DP na estrutura<sup>8</sup>. A hipótese deste trabalho era que há uma relação do posicionamento do adjetivo com o tipo de determinante que encabeça a estrutura, o que se confirmou. Podemos dizer, intuitivamente, que o posicionamento do DP na estrutura e o tipo de determinante que encabeça o DP são fatores que estão fortemente relacionados, mas que ainda precisam ser estudados. O posicionamento do adjetivo nos DPs está relacionado ao fato de o DP ser a informação nova ou velha, tópico ou comentário, foco e especificidade, e tudo isto está relacionado tanto ao posicionamento do DP na oração quanto ao tipo de determinante utilizado em cada caso, o que mostra um caminho promissor de pesquisa que ainda precisa ser explorado.

## 6 FINALIZANDO

Defendemos que, ao menos entre os séculos XVI e XIX, havia duas possibilidades de análise do posicionamento do adjetivo adnominal qualificativo no DP feita pelos falantes do português europeu coexistindo, que seria o posicionamento do adjetivo determinado pela posição sintática do DP na estrutura (se em posição de sujeito, de objeto/acusativo ou dentro de um sintagma preposicionado/PP) ou o posicionamento do adjetivo influenciado pelo determinante que encabeça o DP. Para sabermos mais sobre esta relação com o determinante, seria necessário consultar bibliografia sobre o comportamento dos determinantes ao longo dos séculos XVI ao XIX, mas ainda não há nenhum trabalho publicado sobre o tema.

Confirmamos nossa hipótese inicial. Vimos que o tipo de determinante influencia no posicionamento do adjetivo dentro do DP, mas não só. O trabalho apontou ainda que a mudança não foi pontual, mas gradual – e provavelmente ainda está em curso.

## REFERÊNCIAS

BOFF, A. M. *A Posição dos adjetivos no interior do sintagma nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1991. 110f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

<sup>8</sup> Totaro (2007, p. 13) também reforça a carência destes estudos: “[...] partindo do latim vulgar até as línguas espanhola, italiana e portuguesa (EIP) modernas, não há estudos que contemplem, de forma detalhada e comparativa, a mudança da ordem de palavras no SN em relação a outras mudanças ocorridas nessas línguas”.

COHEN, M. A. O posicionamento do adjetivo no sintagma nominal português: um estudo diacrônico. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v.9/10, n.12, p.58-62, 1988.

FLORIPI, S. *Estudo da variação do determinante em Sintagmas nominais possessivos na história do Português*. 2008. 255f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GONZÁLEZ, J. G. La colocación del adjetivo atributivo en el español medieval: un problema metodológico e histórico. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOXÍA ROMÁNICAS, 19., 1989, Santiago de Compostela *Volume de Resumes...*. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, 1989.

KROCH, A. Morphosyntactic variation. In: ANNUAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTICS SOCIETY, 30., 1994, Chicago. *Proceedings...*, Chicago, 1994. v.2, p. 180-201.

\_\_\_\_\_. Reflexes of grammar in patterns of language Change. In: SANKOFF, D; LABOV, W; KROCH, A (Ed.). *Language Variation and Change*, New York, v.1, n.3, p. 199-244, 1989.

MARTÍNEZ, A. La frase adjetiva. El orden del sustantivo y del adjetivo. In: Concepción Company Company (Dir.) *Sintaxis histórica de la lengua española*. Segunda parte: La frase nominal. . México: Fondo de Cultura Económica-Universidad Nacional Autónoma de México, 2009. p. 1225-1320.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. 2004. 367f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SERRA, C. R. *A ordem dos adjetivos no percurso histórico: variação e prosódia*. 2005. 153f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TOTARO, J. H. R. *Aspectos diacrônicos da ordem de palavras em línguas românicas: Condicionamentos morfológicos, lexicais e sintáticos da mudança de ordem de constituintes em textos espanhóis, italianos e portugueses sob a perspectiva da difusão sintática*. 2007. [número de folhas]. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

Recebido em 22/06/2017. Aceito em 09/08/2017.